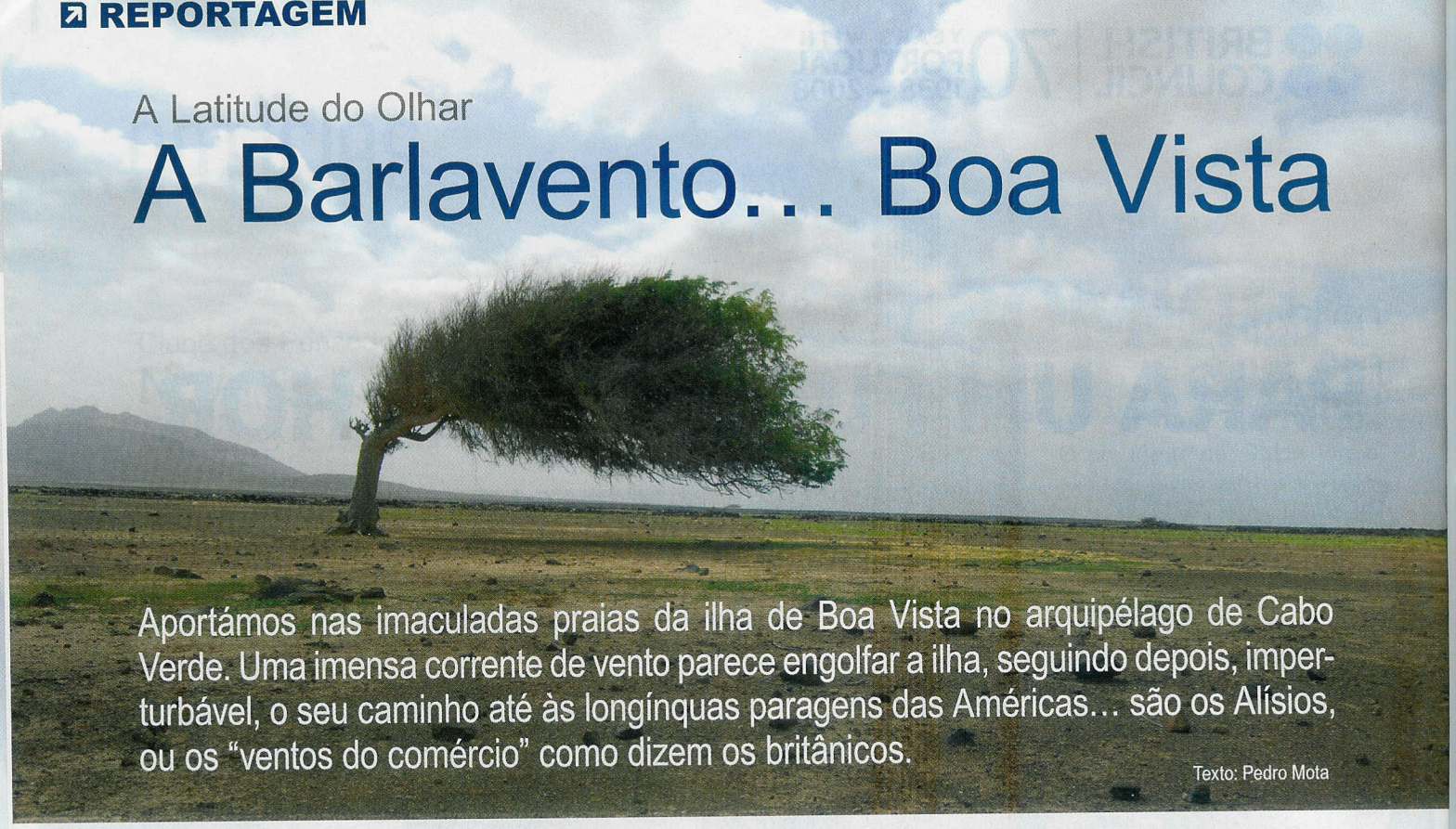
A Latitude do Olhar

A Barlavento... Boa Vista



Aportámos nas imaculadas praias da ilha de Boa Vista no arquipélago de Cabo Verde. Uma imensa corrente de vento parece engolfar a ilha, seguindo depois, imperturbável, o seu caminho até às longínquas paragens das Américas... são os Alísios, ou os "ventos do comércio" como dizem os britânicos.

Texto: Pedro Mota

Quem olha a placidez da costa e dos seus areais não consegue imaginar os perigos que encerra. Inúmeros baixios e escolhos juncam o litoral. Correntes marítimas cruzam-se no azimute dos ventos constantes, tornando traiçoeiras as baías e enseadas que num primeiro olhar pareciam idílicas.

Quando o sortilégio dos ventos encrespa o mar manso, irrita-o até ficar bravo e fustigar a orla da ilha com vagalhões como se a quisesse roer até ao tutano. Estes não são dias de bom augúrio para demandar as suas costas. Muitos dos que se afoitaram jazem agora, esventrados, nas suas profundezas. Outros foram atirados para a praia como se, ensandecidos pela procela, quisessem singrar pela terra adentro.

Não é em vão que a ilha da Boa Vista goza da funesta fama de cemitério de navios.

Num paradoxo, a sua faixa costeira não é, somente, sinónimo de barcos encalhados ou de terríveis naufrágios. É também farol de esperança para várias espécies de tartarugas marinhas, algumas à beira da extinção.

A custo a larga carapaça alçou-se da rebentação em direcção ao areal. Ultrapassada a linha de maré, a tartaruga levantou a cabeça, perscrutando o horizonte com infinitos cuidados. Ainda hesitou um pouco, ensaiando alguns passos de retorno ao oceano, mas lá se encheu de determinação e começou a escavar um buraco na areia. Espadanando com as suas potentes e algo desajeitadas barbatanas, a tartaruga acabou por tapar com areia as pérolas de vida que depositara, os ovos donde iria brotar a sua prole ao fim de escassas semanas. O sucesso da sua postura poderá significar a diferença entre a continuidade e a trágica extinção deste belo animal marinho.

Noutros tempos esta ilha já conheceu a riqueza. Tempos de tanques de evaporação e salinas lodosas donde era raspada a crosta de sal, o "ouro branco", que fez fortunas. Chamariz de muitos comerciantes que propiciaram o desenvolvimento e a edificação de povoações costeiras. Contudo o luzir da bem-aventurança atrai, como é hábito, as aves de rapina. Trazendo vagas sucessivas de piratas que pilhavam e destruíam o fruto do labor esforçado do povo ilhéu.

Alguns piratas eram argelinos, mas a maior parte dos sanguinários bandidos eram corsários ingleses. Estranho era o facto destes assassinos marítimos terem o aval e a cumplicidade

da monarquia inglesa. Caso flagrante de terrorismo de estado, apesar da crueza deste facto ser esbatida nas páginas da História, não fosse ela própria reescrita pelos povos dominantes.

Ainda hoje se acredita que, nos ermos desérticos da ilha, vagueiam espectros de finados, almas desconsoladas por lhes ter sido arrebatada a vida de forma violenta…são os *Gongons*. Os contos populares estão pejados destes espíritos atormentados, como é o caso da *Capotona.*

Mais uma vez o sempiterno vento Nordeste traçou os desígnios da ilha. O soprar ininterrupto dos alísios, envolveu tudo num sudário de areia fina como farinha, que lhe tomou a forma e o feitio. Cobrindo as salinas e assoreando os regatos, a areia trouxe a miséria e a desolação. Agora a paisagem é de dunas e pedregais, de parcas árvores vergadas de tão açoitadas pelo vento. Aliando ao aspecto desnudado um Sol abrasador, implacável, sentimo-nos imersos numa zona desértica. Como se se tivesse destacado um pedaço do deserto do Sara e este navegasse, qual jangada de areia, em pleno Atlântico.

Há uma lenda sobre a criação do mundo, em Cabo Verde, na qual Deus, após moldar o mundo em barro, sacudiu as mãos. Os resquícios de barro que se soltaram e que caíram no mar geraram o arquipélago de Cabo Verde. Se bem que a paisagem seja, na verdade, erma e inóspita, por outro lado gera uma efervescência sonhadora e cultural que forjou o espírito criativo e poético do cabo-verdiano. Como atesta a profícua literatura das ilhas, mas principalmente a excelente qualidade e diversidade da sua música.

Estamos agora em Curral Velho, na costa Norte. Uma larga enseada, sublinhada por um extenso areal, espraia-se a perder de vista. Aqui ou ali desponta um ilhéu ou a rebentação nos baixios. Da povoação restam só ruínas sobranceiras a uma salina, mas ainda assim, quando lá chegámos, estava montado um palco improvisado… apesar das casas desconjuntadas, a música, essa, é sempre viçosa em Cabo Verde.

Boa Vista é feita de céu e areia, quase tanto de um como da outra. Mas num paradoxo…a Ilha é linda… fotogénica. Depois, são as gentes de sorriso franco e aberto, de olhos luminosos como se alguma centelha do imenso Sol lhes luzisse na alma. Como é possível que um povo, fruto de tanto sofrimento, possa emanar tanta bondade?

O mulato cabo-verdiano, resultado da confluência de sangues e coalescência de culturas, é fonte de esperança para a humanidade como exemplo de energia positiva. Esta atitude é bem representada pela *morna* de Cabo Verde.

Voltámos a Sal Rei, cruzando no caminho inúmeros burros que pululam por toda a ilha. Chegámos ao entardecer, com o Sol já a tocar a fímbria do mar. Na pracinha central da povoação, uma miríade de crianças gira e corre, corre e salta, felizes pela simples razão de existir.

Ficámos a pernoitar na antiga casa da família Ben Oliel, uma família importante dos tempos áureos da ilha. Hoje a pousada *Migrante.* Recuperada com extrema sensibilidade…e bom senso.

Anoitece…